

Índice

Educação cívica: a hora “dos meus”?	1
Tomás Moro, Newman e Chesterton: inspiração para cristãos em minoria	2
O feminismo de uniforme esquece-se das pobres?	4
“Imperdoável”	5

Educação cívica: a hora “dos meus”?

Em teoria, a educação cívica deveria servir para inculcar nos jovens, valores comuns a todos, a começar pelo respeito para com os que pensam e vivem de forma diferente. Mas a experiência recente nos Estados Unidos e em Espanha, por exemplo, mostra que se converteu numa frente decisiva da batalha cultural.

Em abstrato, sem conteúdos concretos, a educação cívica é vista pela maioria dos norte-americanos – 56 % dos democratas e 56 % dos republicanos de uma amostra representativa de 1000 adultos – como a melhor ferramenta existente contra a polarização. O problema é que, tal como a concebem muitos atualmente, um assunto pensado para unir já é um dos mais fraturantes.

É o que refere George Packer num [artigo](#) publicado em “The Atlantic” (15.5.2021), onde compara duas maneiras de comunicar a educação cívica. Uma centra-se na transmissão de conhecimentos sobre a Constituição e encoraja a adquirir hábitos necessários para a convivência, como a arte de raciocinar, de chegar a acordos, de tolerar as discrepâncias..., “em vez de dar por adquirido que toda a gente pensa a mesma coisa”. A outra considera que a escola é mais um âmbito no qual os adultos podem expor as suas discrepâncias sobre valores e estilos de vida.

Como exemplo desta educação de feição, indica o duelo entre os defensores de consagrar na escola pública o Projeto 1619, com o qual o “The New York Times” pretende reescrever a

história dos EUA, assumindo a escravatura como facto fundacional do país, e os defensores do Projeto 1776, um curso de educação patriótica lançado pela Administração Trump em resposta ao outro.

O que poderia ser uma ocasião para ensinar o respeito devido a qualquer pessoa, incluindo a rejeição do racismo, está a ser usado – lamenta Packer – para “exacerbar os nossos antagonismos mútuos”.

Algo de similar ocorre em Espanha com o conceito de [“diversidade familiar”](#). É preciso que as crianças e os adolescentes aprendam a respeitar todos os seus companheiros de escola, independentemente da forma de convivência que os seus pais tenham escolhido. No entanto, inculcar o respeito não exige obrigar a pensar que todos os estilos de vida são iguais do ponto de vista da funcionalidade social. Por muito que a lei acolha todos os “modelos familiares”, continua a ser permitido pensar que existe [uma melhor forma de família](#), a qual deveria merecer mais recursos, proteção e estima social do que as suas alternativas.

O governo espanhol tomou partido no debate: não só levou a disputa para as salas de aula, como a dá por resolvida. Assim, o ensino da diversidade familiar é um dos conteúdos que vai ser exigido “em todas as etapas educativas e independentemente da titularidade do centro” (artigo 30) pela nova [lei da infância](#), aprovada no Congresso. Considera-se que uma norma pensada para proteger as crianças e os adolescentes perante qualquer forma de violência, deve fomentar a educação no respeito e na igualdade. E que preveja protocolos para detetar o assédio por qualquer motivo. Mas a norma excede-se quando obriga a doutrinar no relativismo familiar.

Também a “[Lei Celaá](#)” insiste em inculcar “o valor do respeito pela diversidade” como um dos conteúdos principais da nova cadeira obrigatória de Educação em Valores cívicos e éticos. Depois de conhecer os pormenores da cadeira, haverá que confiar que o ensino do respeito pela variedade de estilos de vida seja acompanhado pelo ensino do respeito pela diversidade de pontos de vista.

Os que recordavam, aquando [da polémica sobre o código parental](#), que a Constituição espanhola garante aos pais o direito a “que os seus filhos recebam a formação religiosa e moral que esteja de acordo com as suas próprias convicções” (artículo 27.3), não se opõem a que os filhos assistam a conversas sobre o respeito por todos os companheiros ou sobre a igualdade entre mulheres e homens. A sua resistência é para com situações em que o Estado abandone o princípio de neutralidade ideológica em assuntos sensíveis como a visão da família e a sexualidade.

O governo contornou a preocupação de fundo destes pais e, pelo contrário, recorreu a uma distinção artificiosa. Sintetizou-a o ex-ministro da Cultura e Desporto, José Manuel Rodríguez Uribes: “As famílias, como no seu caso as confissões religiosas, ajudam a formar as crianças na ética privada. Os valores comuns da ética pública são ensinados, todavia, na escola”.

Este argumento permitiria aos poderes públicos contornar a ação dos pais na formação moral dos seus filhos, ao ser considerado que determinados conteúdos educativos fazem parte dos valores válidos para todos. De acordo com esta visão, não existe inconveniente em que os pais transmitam aos seus filhos uma determinada conceção do bem, mas em temas de ética pública o Estado é que manda.

Aqui o truque é fazer passar por valores exigíveis a todos os alunos aquilo que na realidade são questões discutidas entre os adultos. E apresentar os reparos dos pais nesses assuntos como preferências estritamente privadas.

Visto assim, o apelo à “moral pública” não seria outra coisa a não ser a tentativa de monopolizar a instrução de todas as crianças e jovens na própria visão do mundo. É o que [explica](#) (“Spiked”, 26.6.2020) o sociólogo Frank Furedi glosando as ideias do também sociólogo Alvin Gouldner. Como conseguiram os defensores da contracultura dos anos 70 do século passado dar uma volta aos valores da sociedade? Usando a educação como uma forma de afastar as crianças da influência cultural dos seus pais. Escreve Furedi: “Quando se formaram, muitos jovens já haviam interiorizado uma série de valores diferentes daqueles em que foram socializados os seus pais”.

J. M.

Tomás Moro, Newman e Chesterton: inspiração para cristãos em minoria

O pessimismo e o derrotismo são tentações frequentes para pessoas que se veem numa situação de oposição à corrente dominante na sociedade. Em situações semelhantes estiveram Tomás Moro, John Henry Newman e G.K. Chesterton, mas adotaram uma atitude positiva que a história revelou fecunda, como defende Mariano Fazio no seu livro sobre esses três grandes ingleses intitulado justamente “[Contracorriente... hacia la libertad](#)” (Ed. El Buey Mudo). Mariano Fazio (Buenos Aires, 1960), historiador e filósofo, sacerdote, e atualmente vigário auxiliar do Opus Dei, fala deles e da situação atual numa entrevista.

— *Moro, Newman, Chesterton: um mártir e dois convertidos; três “ingleses até ao tutano”, como os descreve, e católicos. No seu livro não os destaca como simples figuras do passado, mas como fontes de inspiração para hoje. O que vê neles de atual?*

— Os três pertencem à tradição inglesa, onde o catolicismo sempre foi minoritário. Parece-me que, hoje, igualmente nas sociedades de tradição cristã, os católicos são minoria. Isso já o havia anunciado com bastante clarividência o Papa Bento XVI.

Aquilo que me encanta e me atrai nestas três personagens é a atitude que têm: não uma atitude derrotista de dizer que o mal está em todo o lado, que tudo se está a desmoronar, que estamos a ir ao fundo e que no próximo ano vamos estar pior. Isso não atrai ninguém.

— *É notório que os três assumiram a defesa da fé católica. Mas destaca no seu livro que também foram defensores da razão, especialmente Newman e Chesterton. Qual das duas defesas lhe parece mais urgente hoje?*

— Considero que o ponto central do pontificado de Bento XVI – do qual ainda vivemos, no sentido de que nos deixou uma riqueza tão grande, que ainda vamos ter de assimilá-la e nos dá motivos de reflexão – foi precisamente a necessidade de estabelecer um diálogo entre a razão e a fé. Porque uma fé sem razão tem a tentação de cair no fideísmo, e uma razão sem fé é uma razão cientificista que nos pode explicar como funcionam as coisas, mas nunca nos dará uma razão da finalidade última da nossa existência. Não estará capacitada para responder a essas problemáticas que qualquer pessoa nalgum momento da sua vida se coloca.

Daí, entre fé e razão, acho que hoje é mais urgente a defesa da razão. É um paradoxo comprovar como no século XIX, os Papas – penso em Pio IX, Leão XIII – tiveram de defender a fé dos ataques de uma razão positivista cientificista. Pelo contrário, hoje os que têm defendido fundamentalmente a razão foram os Papas contemporâneos: São João Paulo II, com a encíclica “Fides et ratio”, Bento XVI, o Papa Francisco.

É um dos paradoxos ou ironias da história. G.K. Chesterton, nomeadamente, afirma que o único lugar onde se defende a razão na sua época – princípios do século XX – é Roma. Num dos seus contos policiais, o padre Brown descobre que um sacerdote não era autêntico sacerdote, porque desconfiava da razão. Fé católica e razão encontram-se necessariamente unidas.

Sobretudo, parece-me que é necessário retomar a confiança na capacidade da natureza humana de conhecer a verdade. Fala-se muito da “ditadura do relativismo”. O problema é que falta confiança para verdadeiramente podermos conhecer verdades objetivas que possam orientar a nossa vida. Ao mesmo tempo, penso que vivemos numa crise antropológica. Muitas pessoas consideram que não existe uma natureza humana, que tudo é adquirido pela cultura em todas as dimensões da existência. Saliento que, para ter uma sociedade digna da pessoa humana, este conceito de natureza como fonte de valor, fonte de verdade, fonte de bem, de beleza, é extremamente urgente. É um trabalho a ser feito pela razão, que será depois iluminado pela fé.

— *Moro, Newman e Chesterton mantiveram polémicas, algumas muito duras, com autores do seu tempo. Agora que observamos uma forte polarização no debate público, o que poderíamos aprender com os três?*

— Tanto Moro como Newman ou Chesterton defenderam a verdade, defenderam-na publicamente em debates e fizeram-no com um grande tom humano, com grande nível, com grande respeito pelas opiniões alheias. Vê-se nas palavras de Tomás Moro no julgamento que lhe fazem antes de ser condenado à morte, ditas com muita proximidade aos juízes que o iam condenar. Diz que espera que se possam encontrar no céu, assim como São Paulo foi favorável ao martírio de Santo Estêvão, e agora gozam do céu os dois juntos.

Quanto a Newman, a sua obra mais polémica, “Apologia pro vita sua” – que esgotou a primeira edição no mesmo dia da sua publicação –, recebeu comentários muito positivos, tanto de anglicanos como de católicos, porque viram que tratava os seus antigos irmãos na fé com enorme respeito, que sublinhava a amizade, tantas virtudes que encontrou no mundo anglicano. E isso não impede que dissesse ter encontrado a verdade plena na Igreja católica.

Chesterton é um exemplo de amizade: cultivava a amizade, e não apenas com os que pensavam como ele, como também com pessoas nos antípodas intelectuais. Penso em George Bernard Shaw, em H.G. Wells, que eram amigos seus íntimos, e com os quais havia discussões muito aceras; mas depois iam a um pub tomar cerveja. Talvez seja esta uma das causas pelas quais o processo de beatificação de Chesterton tem vindo a ser um pouco lento. Mas a amizade, penso, implica poder discutir com um tom amigável. Não se trata de negociar com a verdade, mas sim de aproximar-se da pessoa que se encontra talvez no caminho oposto, manifestando carinho, compreensão, empatia, e que concordamos numa série de coisas. Trata-se da ideia do Papa Francisco: temos de derrubar muros e construir pon-

tes. Considero que os três foram grandes construtores de pontes.

— *Como menciona no livro, nos séculos XIX e XX houve em Inglaterra um extraordinário desabrochar de intelectuais cristãos, escritores em especial, que foram apologistas ativos ou trouxeram prestígio à fé. Muitos eram convertidos ao catolicismo: Gerard Manley Hopkins, Robert Hugh Benson, Ronald Knox, Evelyn Waugh, Christopher Dawson... além dos próprios Newman e Chesterton. Outros eram católicos desde sempre: Hillaire Belloc, J.R.R. Tolkien. A eles poder-se-ia acrescentar anglicanos como C.S. Lewis ou Dorothy Sayers. Como se poderá explicar este fenómeno? Considera que poderia repetir-se hoje?*

— Parece-me que o florescimento de intelectuais cristãos em Inglaterra desde meados do século XIX até ao início do século XX se deve talvez ao carácter minoritário do cristianismo numa sociedade secularizada, uma das que tem mais secularização na Europa. E quando se está em minoria, possivelmente será mais fácil manter uma identidade mais forte. A verdade é que esses intelectuais tinham uma boa formação universitária (a maioria; Chesterton, não, por exemplo). E a própria identidade deles fê-los refletir sobre as razões da sua fé. É o que diz São Pedro na sua primeira carta: temos que explicar a razão da nossa esperança.

Um fenómeno muito similar acontece em França, país com uma maioria católica no século XIX, mas bastante assediada intelectualmente pelo racionalismo, pelo positivismo e por um anticlericalismo de fundo. E também nesse país existem grandes intelectuais que fizeram muitíssimo bem à Igreja e ao cristianismo.

Pelo contrário, em Espanha e em Itália, onde se parte do princípio de que nessa altura eram países mais católicos, faltou essa reflexão, porque se dava tudo por adquirido. Era o lógico, o evidente viver dessas verdades, ainda que talvez não fossem vividas profundamente ou não se atuasse totalmente de modo coerente com elas. Daí, eventualmente, um contexto de condição minoritária e de forte identidade possa produzir intelectuais brilhantes que tenham algo a dizer a uma sociedade secularizada. Por isso, parece-me que esta altura é muito adequada para que volte a florescer um grupo de intelectuais semelhantes, também em Espanha e em Itália, e em França, em Inglaterra e em todo o mundo onde estamos em minoria e o mundo está à espera de respostas com sentido para uma situação onde o que falta muitas vezes não é somente a fé, mas o senso comum, como diria Chesterton.

R .S.

O feminismo de uniforme esquece-se das pobres?

Perante a incessante circulação de mensagens feministas nas redes sociais, surgiu uma crescente preocupação pela evolução do feminismo. Há quem considere que está a deixar de ser um movimento coletivo, pelos e para os direitos de todas as mulheres.

Nos últimos anos tem vindo a crescer esta preocupação de que o feminismo se tenha convertido num movimento de elites, de subgrupos que deixaram de lado os seus princípios fundacionais, evoluindo para um ativismo baseado no sucesso e no bem-estar da mulher. Uma luta que advoga a igualdade das mulheres, mas reduz uma mensagem política a um lema impresso numa camisa da Dior (que, evidentemente, custa dinheiro).

Aquilo que é conhecido como feminismo *mainstream* – feminismo que atrai o público através da sua difusão por parte de famosas – conseguiu uma grande aceitação nos meios de comunicação e entre os jovens. Estão na moda lemas como *We should all be feminists*, de Chimamanda Ngozi Adichie, ou *Yes, I am a feminist*, que circulam continuamente e que aparecem nas redes sociais, cadernos e canecas, ou em desfiles de alta costura.

Mas esta presença constante traz consigo certos problemas. Um deles, que o ideal original se venha a diluir. Segundo Catherin Rottenberg, professora associada na University of Nottingham, e que é autora do livro “The Rise of Neoliberal Feminism”, termos tradicionalmente usados na luta feminista, como justiça social, autonomia, direito ou libertação, foram substituídos por outros como felicidade, equilíbrio ou apoio mútuo, com uma clara mudança de conotação.

Jessa Crispin, autora do livro “Why I Am Not a Feminist” e líder do pensamento feminista, afirma em “[The New Republic](#)” que, durante as últimas décadas, o fosso entre as feministas *mainstream* e as realidades diárias da maioria das mulheres aprofundou-se cada vez mais.

Segundo as Nações Unidas, 70 % das pessoas pobres no mundo são mulheres. Além disso, [segundo projetam a ONU Mulheres e o PNUD \(Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento\)](#), por causa da pandemia e da crise da Covid-19, “em 2021, por cada 100 homens de 25 a 34 anos que vivem na pobreza extrema (ou seja, com 1,90 dólares ou menos por dia), há 118 mulheres, um fosso que é expectável vir a aumentar para 121 mulheres por cada 100 homens até 2030”.

[Num artigo da “Time”](#), a ativista e autora do livro “*Hood Feminism*”, Mikki Kendall refere que, para ser um movimento que está destinado a representar todas as mulheres, o feminismo muitas vezes focaliza-se naquelas que já têm a maioria das suas necessidades satisfeitas. “Falamos sobre o avanço profissional, os compromissos enquanto somos feministas, os pe-

los do corpo e os apelidos, mas raras vezes o feminismo convencional centra a conversa em temas que preocupam a maioria das mulheres nos EUA. Conseguirão pagar a comida? Terão acesso ao atendimento médico? Poderão satisfazer todas as suas necessidades essenciais?”.

Segundo a autora, aliviar a pobreza das mulheres é um tema feminista fundamental, mas, como aponta um [relatório de 2017 da FAO](#), as mulheres têm mais probabilidades de sofrer insegurança alimentar que os homens em todas as regiões do mundo. Kendall continua a dizer que, se as feministas se preocupam com a igualdade de género como afirmam, pôr fim ao ciclo da pobreza e melhorar a qualidade de vida de todas as mulheres deveria ser o objetivo principal na sua luta.

Outro problema recorrente na luta feminista é a divisão de um movimento coletivo em diversos subgrupos, que não fazem mais do que diluir as forças e uma mensagem que, em vez de ser inclusiva, se converte em individualista. *Feminismo branco, feminismo negro, feminismo lésbico negro, feminismo masculino*. Estes são alguns dos termos que se usam hoje para descrever um movimento que, na sua origem, procurava lutar pelos e para os direitos de todas as mulheres, independentemente da sua raça, religião ou orientação sexual, e que se converteu na luta de diversos subconjuntos.

Uma consequência é o seu efeito excludente e a sua perda de força. Wendy N. Powell, especialista em *management*, escreve [num artigo para “HuffPost”](#) que as diferentes marcas do feminismo criam um conflito onde as fações defendem as suas próprias definições de igualdade social, tendo como resultado o desvio dos objetivos comuns.

Um desses objetivos comuns deveria ser, segundo Jessa Crispin, “continuar a luta, não para colocar mais mulheres na sala da direção, mas para construir formas de viver e trabalhar que se meçam por algo maior do que o dinheiro e o sucesso.”

Como diz Kendall, o acesso garantido a comida, saúde e educação seria um bom começo.

H. F. V.

“Imperdoável”

“Unforgivable”

Realizadora: Nora Fingscheidt

Atores: Sandra Bullock; Vincent D’Onofrio

Duração: 111 min.

Ano: 2021

Uma mulher é libertada da prisão ao fim de 20 anos, por cumprir pena pela morte de um polícia. A reintegração na sociedade é difícil... Não tem família, pois os pais já faleceram... fora presa ainda jovem e separada da única irmã que era criança na altura. Esta fora adotada e nunca chegara a saber que tinha uma irmã...

Procura empregos mas é rejeitada nas entrevistas e só arranja um trabalho precário graças aos serviços prisionais que a apoiam neste seu recomeço. Ela vai então tentar descobrir o paradeiro da irmã. Precisa de apoios e acaba por dar-se a conhecer a um advogado. Este hesita, mas perante a coragem dela, decide ajudar... Mas a mulher nem sempre esclarece tudo, pois já sofrera na pele o que é perder a confiança de um colega de trabalho por lhe explicar que era uma ex-presidiária. No entanto, valera a pena contar a verdade, pois dá-se conta de que falar com as pessoas e esclarecer tudo é a única solução para resolver as questões. Por fim, consegue comunicar com a família adotiva da irmã, agora já crescida. O primeiro encontro é conflituoso, mas ficam portas abertas, com um olhar e poucas palavras... que originarão mais desenvolvimentos.

Num momento de desespero, ela vai confessar a verdade total a uma outra mulher que não a aceitava, mas que agora ao perceber a realidade, irá tornar-se na sua mais poderosa aliada. No final, defronta-se com uma nova situação criminosa. Aí não hesita em falar com o envolvido. Dialoga para despertar a consciência do outro... insiste... abre a alma sem medo nem tabus... e falando... conseguirá solucionar tudo.

Tópicos de análise:

1. A sinceridade e a vulnerabilidade cativa e atrai os outros.
2. Contar com o apoio de pessoas confiáveis ajuda a avançar.
3. É motivador lutar pelo bem de “alguém, para além de si”.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

